

VARIAÇÃO SINTÁTICA COMO COMPETIÇÃO DE GRAMÁTICAS: CLÍTICOS E SUJEITOS PRÉ-VERBAIS EM PORTUGUÊS

Marco Antonio Martins (Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq)

1. Questões

Em sintaxe diacrônica os padrões atestados em materiais históricos são evidências empíricas que devem ser interpretadas teoricamente em busca de hipóteses sobre um determinado processo de mudança gramatical. A evolução na frequência de uso de uma determinada construção sintática atestada em textos históricos não pode ser entendida como uma mudança na gramática de uma língua. Antes, a evolução na frequência de uso atestada nos textos deve ser interpretada (teoricamente) como o reflexo de uma mudança gramatical.

Na proposta de análise advogada por Anthony Kroch (1989; 2001) e seus colaboradores sobre mudança sintática, o conjunto de contextos que muda ao mesmo tempo na gramática de uma língua não é definido pelo agrupamento de uma propriedade superficial, como o aparecimento de uma palavra ou de um morfema particular, mas pela estrutura sintática, cuja existência pode somente ser o produto de uma análise gramatical abstrata independente dos falantes. Assim, a análise gramatical que define o contexto de uma mudança lingüística é bastante abstrata.

Apresento, neste artigo, resultados empíricos de um estudo em andamento sobre os padrões de variação na ordenação dos pronomes clíticos encontrados em peças de teatro escritas por brasileiros nascidos no curso dos séculos 19 e 20. As questões que estão na base da discussão são: (i) quais os padrões de ordenação dos pronomes clíticos em orações finitas não-dependentes com sujeitos pré-verbais DPs e pronominais pessoais (não focalizados) em textos de brasileiros nascidos nos séculos 19 e 20? e (ii) os padrões de variação ênclise (Vcl)/próclise (clV) refletidos nos textos podem ser interpretados como reflexo de um período de mudança em que convivem diferentes padrões gerados, por sua vez, por diferentes gramáticas do português?

2. Padrões empíricos de ordenação de clíticos em português

Antes de mais, assumo na companhia de Galves (2004), Paixão de Sousa (2004), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) e Galves (2007) que a mudança hoje atestada na gramática do português do Brasil (PB) não seria fruto de uma mudança ocorrida na variante brasileira em relação à gramática do português europeu (PE), mas sim que ambas as gramáticas teriam origem numa mesma base comum, o português clássico (PC).

A amostra em análise neste artigo se constitui de 372 orações finitas não-dependentes com sujeitos pré-verbais (não-focalizados) que apresentam alternância na ordem relativa

clítico-verbo, cf. (1) e (2)¹. Os dados foram extraídos de vinte e uma peças de teatro escritas por brasileiros, nascidos no litoral do estado de Santa Catarina, no sul do Brasil (e de ascendência portuguesa, portanto) no curso dos séculos 19 e 20².

(1)

- a. Eu TE digo. [Coutinho, 1841]³
 b. Minha ama finge-SE alegre e eu sei que ella está aflicta, pois ate esta hora meu amo não apparece. [Dutra, 1835]

Na esteira dos pressupostos da sociolingüística variacionista (cf. WEINREICH; LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1982; 1994), observo a correlação entre os padrões de clV e de Vcl, a natureza do sujeito pré-verbal e o ano de nascimento dos autores dos textos. Os dados foram categorizados e submetidos ao programa estatístico *GoldVarb 2001* (cf. ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001). Para os fins propostos neste artigo, apresento apenas a análise unidimensional oferecida pelo programa que disponibiliza as frequências de distribuição das variantes em relação aos contextos observados.

Observe-se o cruzando o percentual de próclise relacionado às variáveis *posição superficial do verbo* e ao *ano de nascimento dos autores*. A tabela 1 que segue apresenta os resultados relevantes desse cruzamento.

Tabela 1. clV em contextos (X)SV em textos de brasileiros nascidos entre 1829 a 1969

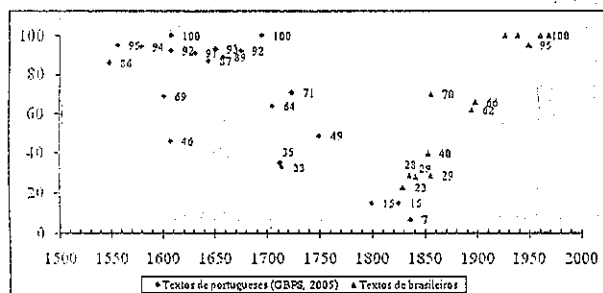
Autor/ano de nascimento	SV
Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	20/86 - 23%
Antero dos Reis Dutra (1835-1911)	2/7 - 29%
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	8/29 - 28%
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	6/15 - 40%
Horácio Nunes (1855-1919)	19/66 - 29%
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	14/20 - 70%
Ildefonso Juvenal (1894-1965)	24/39 - 62%
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	25/38 - 66%
Ody Fraga (1927-1987)	4/4 - 100%
Mário Júlio Amorim (1939-)	6/6 - 100%
Ademir Rosa (1950-1997)	16/17 - 95%
Antônio Cunha (1961-)	27/27 - 100%
Sulanger Bavaresco (1969-)	18/18 - 100%

Note-se um significativo aumento no uso da próclise em orações finitas não-dependentes com sujeitos pré-verbais nos textos no curso dos séculos 19 e 20: no texto do primeiro autor representativo do século 19, *Álvaro Augusto de Carvalho*, nascido em 1829, a taxa de próclise é de 23% enquanto nos textos dos dois últimos autores representantes do século 20, *Antônio Cunha* e *Sulanger Bavaresco*, nascidos em 1961 e

1969, respectivamente, a taxa de próclise chega a 100%. As médias das taxas de próclise, marcadas no gráfico em 1850, 1875, 1900, 1950 e 1975 são de 27%, 46%, 64%, 98% e 100%. É a partir do texto de *Ody Fraga*, o primeiro autor representante do século 20 nascido em 1927, que a próclise se estabelece como o padrão de colocação dos clíticos nos textos escritos por brasileiros.

Consideremos agora os resultados diacrônicos obtidos no estudo de Galves, Britto e Paixão de Souza (GBPS, 2005). No gráfico 1, a seguir, confronto os padrões de ordenação de clíticos nos textos dramáticos escritos por brasileiros àqueles encontrados na análise diacrônica de GBPS com base no banco de dados *Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese*. É importante lembrar que nossos resultados têm por base uma amostra extraída de textos escritos por brasileiros nascidos no curso dos séculos 19 e 20 e os de GBPS portugueses nascidos entre os séculos 16 e 19.

Gráfico 1. clV em contextos SV (Pronominal pessoal e DP), em peças de teatro escritas por brasileiros nascidos entre 1829 a 1969 e em textos de portugueses nascidos entre 1548 e 1836 (Corpus *Tycho Brahe*, cf. GALVES, BRITTO E PAIXÃO DE SOUSA, 2005)



Observe-se que há uma queda no uso da clV nos textos de catarinenses nascidos no curso do século 19. Como mostram os resultados de GBPS (2005), a próclise é o padrão nos textos de portugueses nascidos até meados do século 18. Quando considerada a natureza do sujeito pré-verbal, se DP ou pronominal, nos textos de catarinenses no curso dos séculos, a evolução da ordem clV não se dá numa mesma proporção. A tabela 2, a seguir, sistematiza resultados em torno da evolução nos textos em ambos os contextos, com base no ano de nascimento dos autores.

Tabela 2. clV em contextos SV em textos de brasileiros

Autor/ano de nascimento	Sujeito DP	Sujeito Pronominal
Alvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)	3/60 - 5%	17/26 - 65%
Antero dos Reis Dutra (1835-1911)	0/3 - 0%	2/4 - 50%
José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)	0/15 - 0%	8/13 - 62%
Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897)	1/10 - 10%	5/5 - 100%
Horácio Nunes (1855- 1919)	8/48 - 17%	11/18 - 61%
Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)	6/12 - 50%	8/8 - 100%
Ildefonso Juvenal (1894-1965)	10/24 - 42%	14/15 - 93%
Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)	9/21 - 43%	16/17 - 94%
Ody Fraga (1927-1987)	3/3 - 100%	1/1 - 100%
Mário Júlio Amorim (1939-)	3/3 - 100%	3/3 - 100%
Ademir Rosa (1949-1997)	5/6 - 83%	11/11 - 100%
Antônio Cunha (1961-)	13/13 - 100%	14/14 - 100%
Sulanger Bavaresco (1969-)	4/4 - 100%	14/14 - 100%

Observe-se que a evolução da ordem clV em orações com sujeitos DPs se contrasta àquela encontrada em orações com sujeitos pronominais, sobretudo em textos de brasileiros nascidos no século 19. Em textos de autores nascidos entre 1829 e 1898, em orações com sujeitos pronominais encontramos já uma elevada frequência de clV (65%, 50%, 62%, 100%, 61%, 100%, 93% e 94%) se comparada à ocorrência de clV em orações com sujeitos DPs (5%, 0%, 0%, 10%, 17%, 50%, 42% e 42%). As diferentes taxas de próclise nos textos parecem evidenciar que (1) ou a mudança que envolveu a colocação dos pronomes clíticos em construções com sujeitos pré-verbais na gramática do PB está correlacionada à natureza do sujeito da estrutura oracional ou (2) as taxas de clV e Vcl são reflexos de diferentes padrões gerados por diferentes gramáticas do português.

As taxas de frequência de clV com sujeitos DPs e pronominais listadas na tabela estão projetadas, respectivamente, nos gráficos 2 e 3, a seguir.

Gráfico 2. clV em SV, com sujeitos DPs em textos de brasileiros nascidos entre 1829 a 1969

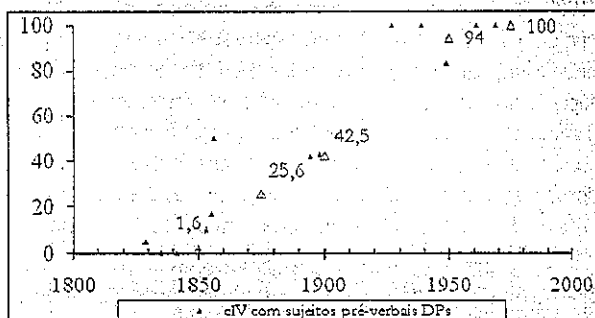
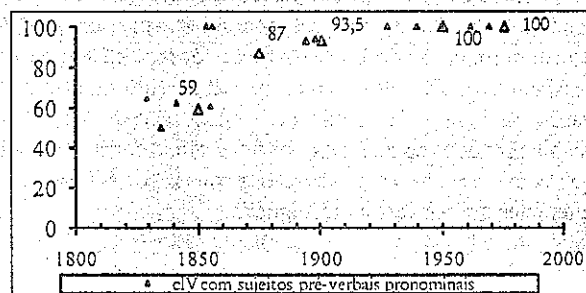


Gráfico 3. clV em SV, com sujeitos pronominais em textos de brasileiros nascidos entre 1829 a 1969



Enquanto em orações com sujeitos DPs as médias do clV, marcadas em 1850, 1875, 1900, 1950 e 1975, são, respectivamente, de 1,3%, 25,7%, 43,5, 94,3% e 100%, em orações com sujeitos pronominais são de 59%, 87%, 93%, 100% e 100%. Os resultados evidenciam que, sobretudo em textos escritos por brasileiros nascidos na primeira metade do século 19, entre 1829 e 1841 (i.e., no começo do século 19), a média da frequência de uso de clV em orações com sujeitos DPs é bastante inferior àquela em orações com sujeitos pronominais, no curso dos séculos.

Outra informação relevante evidenciada pelos resultados é a próclise categórica em textos escritos por brasileiros nascidos no século 20 nestes contextos. É a partir do texto de *Ody Fraga*, o primeiro autor representante do século 20, nascido em 1927, que a próclise se estabelece como o padrão de colocação dos clíticos nos textos escritos por brasileiros⁴.

O contraste apresentado nos gráficos 2 e 3 desenha diferentes percursos, sobretudo em textos de brasileiros nascidos no século 19: de um lado, atesta-se uma baixa frequência de *clV* com sujeitos *DPs*, com 5% no texto de *Álvaro Augusto de Carvalho*, nascido em 1829, e nenhuma ocorrência nos textos de *Antero dos Reis Dutra* e de *José Cândido de Lacerda Coutinho*, nascidos em 1835 e 1841, respectivamente; há, de outro lado, elevadas taxas de *clV* em orações com sujeitos pronominais nos textos escritos por estes mesmos autores: 65%, 50% e 62%, respectivamente. Os dados e (2) e (3), a seguir, dão rosto aos números.

(2) *Orações com sujeitos DPs*

- a. O Sr. Bibiano diz-NOS que, retira-se para negocio urgente, por isso não o convidamos para dar nos o prazer de ir conosco ao teatro. [Dutra, 1835]
- b. O doutor contou-LHE tudo... [Nunes, 1855]
- c. A beleza LHE dá o direito de me contrariar... [Fraga, 1927]
- d. A noite ME protege. Não gosto do dia. [Cunha, 1961]

(3) *Orações com sujeitos pronominais*

- a. Eu VOS direi depois. Depois... [Dutra, 1835]
- b. Eu O acompanho. [Nunes, 1855]
- c. Elas ME fazem bem. [Rosa, 1949]
- d. Você ME prometeu. [Cunha, 1961]

Ainda, em relação ao mapeamento do processo de mudança que envolveu a colocação dos clíticos na história do português do Brasil, os resultados apresentados por Pagotto (1992), que levam em consideração dados extraídos de textos (de natureza vária) dos séculos 16 ao 20, sustentam a análise aqui proposta. De acordo com os resultados obtidos pelo autor, enquanto em orações com sujeitos pré-verbais realizados por pronomes pessoais a próclise é já categórica em textos do século 17, em orações com sujeitos *DPs* a alternância *clV/Vcl* é ainda atestada em textos do século 20.

3. Variação sintática como competição de gramáticas

Com base nos resultados apresentados, uma questão interessante que se coloca é: a que gramática(s) estão associados os padrões de *clV* e de *Vcl* atestados nos textos escritos por brasileiros nascidos nos diferentes séculos, e, sobretudo, no curso do século 19? Se assumirmos, sob o escopo da teoria

gerativa, que uma gramática não deverá gerar estruturas em variação, mas sim que a variação seria o reflexo de diferentes estruturas geradas por sua vez por diferentes gramáticas, a evolução na frequência de uso de *clV* e de *Vcl* atestada nos textos pode ser entendida como um período em que há competição entre diferentes padrões gerados por diferentes gramáticas, no sentido de Anthony Kroch (1989; 2001).

Os resultados apresentados na análise de peças de teatro escritas por brasileiros (catarinenses) nascidos nos séculos 19 e 20 nos ajudam a compreender a evolução nos padrões de colocação dos pronomes clíticos em português, e, mais especificamente, no que se refere à implementação da gramática do PB, sobretudo, em dois aspectos. De um lado, se observou que em orações finitas não-dependentes com sujeitos pré-verbais, *clV* é única opção possível na gramática de brasileiros nascidos no século 20. De outro lado, os resultados mostram que a variação *clV/Vcl* em textos escritos por brasileiros nascidos no século 19 é bastante sensível à natureza do sujeito pré-verbal. Enquanto há preferência pela ordem clítico/verbo em orações com sujeitos pronominais, a ordem clítico/verbo é inibida em orações com sujeitos *DPs*.

Na tentativa de reconstruir gramáticas a partir de dados disponíveis em textos históricos, interpretamos a variação atestada em peças de teatro escritas por brasileiros nascidos entre 1829 e 1898 como um caso de competição de gramáticas, no sentido de Kroch (1989; 2001). Os diferentes padrões atestados parecem estar correlacionados a uma mudança no domínio estrutural da posição disponível para a superficialização dos sujeitos pré-verbais nas gramáticas em questão.

REFERÊNCIAS

GALVES, Charlotte (2007) A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. In: A. Castilho; Maria Aparecida T. Morais; R. E. V. Lopes & S. M. L. Cyrino. (Org.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007. p. 513-528.

_____. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

_____; BRITTO, Helena e PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. The Change in Clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*, Vol. 4, n. 1, Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond, 2005, pp. 39-67.

KROCH, Anthony. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variations and Change*, 1, 1989, pp. 199-244.

_____. Syntactic Change. In: Baltin & Collins (eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts, USA: BlackWell, 2001, pp. 699-729.

LABOV, William. Building on empirical foundations. In: Winfred P. Lehmann & Yakov Malkiel (eds.), *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982, pp. 17-92.

_____. *Principles of linguistic Change: internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LOBO, Tânia. *A colocação dos clíticos em Português. Duas sincronias em Confronto*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. 1992

MARTINS, Ana Maria. *Clíticos na história do português*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa. 1994

PAGOTTO, Emilio Gozze. *A posição dos Clíticos em Português. Um estudo Diacrônico*. Dissertação de mestrado, Universidade de Campinas. 1992

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. *Língua Barroca: Sintaxe e História do português nos 1600*. Tese de doutoramento, Campinas: IEL/UNICAMP. 2004

ROBINSON, John; LAWRENCE, Helen; TAGLIAMONTE, Sali. (2001) *GoldVarb: a multivariate analysis application for Windows*. Department of Language and Linguistic Science, University of York. <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/golvarb/>.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: Winfred P. Lehmann & Yakov Malkiel (eds.), *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas, 1968, pp.95-188.

Notas

¹ No levantamento dos dados das amostras, expressões cristalizadas com sujeitos pronominais, tais como exemplificam as orações em (i), e construções com sujeitos focalizados, cf. (ii), a seguir, não foram contabilizadas na análise. Como já atestado em estudos anteriores, cf., por exemplo, Paixão de Sousa (2004) e GBPS (2005), são esses ambientes de próclise categórica.

- (i) a. Deus TE ajude sempre, meu filho. [Carvalho, 1829]
b. Má raios O partam, e mais a parteira! [Carvalho, 1829]
c. Diabos ME levem se te entendo! [Rebello, 1958]
- (ii) a. Só um recurso ME resta: é morrer também! [Nunes, 1855]
b. Aquele homem não pode negar que é um pelintra... Até as cartas O sabem. [Brun, 1881]

² Os textos fazem parte de um banco de dados para estudos diacrônicos. Este banco de dados é formado, em sua maioria, por peças de teatro escritas por autores catarinenses nascidos entre os séculos 19 e 20.

Os textos e respectivos autores de onde foram extraídos os dados são: Peças de autores brasileiros nascidos em Santa Catarina – *Brinquedos de Cupido* (1859) de Antero Reis Dutra (1855-1911); *Quem das danhas quer comprar* (1868) de José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902); *Raimundo* (1868) de Alvaro Augusto de Carvalho (1829-1865); *Um cacho de mores* (1881), *Dolores* (1889), *O idiota* (1890), *Fatos Diversos* (1892) de Horácio Nunes (1855-1919); *Hilda, a filha do suposto traidor e Waltrudes, o nauta veneziano* (1918) e *A filha do operário* (1942) de Ildefonso Juvenal (1894-1965); *Ilha dos casos raros* (1928) de Nicolau Nagib Nahas (1898-1934); *A enfeitada* (1930) de Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916); *A morte de Damão* (1954) de Ody Fraga (1927-1987); *A Estória* (1970) e *Os Lobos* (1980) de Ademir Rosa (1950-1997); *O dia do Javali* (1982) de Mário Júlio Amorim (1939-); *As quatro estações e Flores de Inverno* (1992a e b, respectivamente) de Antonio Cunha (1961-); *Agnus Dei* (1994) de Sulanger Bavaresco (1969-).

³ Os exemplos das amostras doravante citados estão seguidos do sobrenome do autor e de seu respectivo ano de nascimento, cf. nota 3.

⁴ Apenas no texto de Ademir Rosa (nascido em 1949) encontrei, ainda, uma ocorrência de ênclise em uma oração com sujeito DP1. A oração está transcrita em (i), a seguir.

- (i) Na última primavera a câmara de vereadores agraciou-LHE com o título de cidadão honorário, pelos grandes serviços prestados à cidade. [Rosa, 1949]